

ARJ E A FUNCIONALIDADE EDITORIAL

A edição de *ARJ, Art Research Journal*, do segundo semestre de 2018 oferece uma interessante e bem-vinda novidade. Trata-se da publicação de artigos antes que eles tenham sua editoração concluída. Ou seja, ainda em estado bruto, sem a formatação gráfica, sem a diagramação final. Esse procedimento, a antecipação da publicação, é conhecido pela expressão inglesa *ahead of print*, antecipadamente ou à frente da impressão. Essa metodologia de publicação acadêmica é possível graças às possibilidades do ambiente digital, onde funcionalidade e eficácia são cobranças constantes. Cabe a cada editoria decidir o momento do processo editorial a ser escolhido como o ponto de certificação do aceite e de demonstração do conteúdo de um artigo. A revista *ARJ* optou pela apresentação de artigos imediatamente após seu acolhimento pelos editores e pelas aprovações em pareceres obtidos em avaliações duplo-cegas (*double-blind review*), nas quais autor e parecerista não conhecem a identidade um do outro. Ao leitor estarão disponíveis aqueles textos que têm confirmada sua publicação definitiva na revista, mesmo que em momento anterior à realização de eventuais ajustes sugeridos por avaliadores, revisores e diagramadores. Os outros artigos submetidos para cada edição permanecem ocultos até a sua aprovação final por pareceristas.

Outro ponto a ser ressaltado é a contribuição inestimável de editores representantes das associações gestoras, designados para as duas edições do próximo ano. O grupo foi instado a colaborar, assumindo-se essa participação como uma saudação ao aguardado ingresso entre as gestoras da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (Anda), que vem se juntar à Abrace, Anpap e Anppom neste compromisso editorial. Embora o número específico da *ARJ* que oficializa a nova participação seja o primeiro de 2019, a inclusão foi formalizada em dezembro de 2018, após deliberação em reunião do Comitê Gestor no Encontro *ARJ* de 2017, com convite feito logo a seguir (leia mais sobre o Encontro no número anterior da revista). Com o apoio de novos editores, algumas decisões foram facilitadas. Entre elas, por exemplo, a oportuna antecipação de dois artigos originalmente previstos para 2019.

Para esta edição, o dossiê principal de *ARJ* e seu principal motor, *Perspectivas multidisciplinares do capo da arte*, oferecem importante artigo de Leszek Brogowski (Université Rennes 2, França), em que discute as práticas da doação e da apropriação nas artes visuais, sobretudo quando se mesclam com outros campos, como o da editoração, a partir de concepções da teoria da propriedade de Pierre-Joseph Proudhon e conceitualizações a ela relacionadas. Em seguida oferecemos as consi-

derações de Thiago Silva de Amorim Jesus (Universidade Federal de Pelotas), com reflexões sobre as novas estratégias de aproximação da cultura popular e das novas tecnologias no carnaval brasileiro.

A seção Artigos está bastante abrangente. A *julgar pela imagem: estado autoritário e a caça às alteridades*, de Ana Emília da Costa Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), estuda o papel da fotografia na manutenção de estereótipos da violência, inclusive sua ficcionalização. André Carrico (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), em *"Till Eulenspiegel": a síntese épico-dramática na comédia de Luís Alberto de Abreu*, apresenta a influência das ideias de Bakhtin sobre cultura popular, de Bergson sobre a mecânica do riso e da estrutura dramática da *commedia dell'arte* na quinta comédia escrita por Abreu para o projeto Comédia Popular Brasileira, da Fraternal Cia de Arte e Malas-Artes. Em *Processo de criação que (se) contamina e (se) ocupa: nos "entres" de dança, vídeo e cidade*, Carlos Gonçalves Tavares (Faculdades Sudamérica), Alba Pedreira Vieira (Universidade Federal de Viçosa) e Bruno Mendes da Silva (Universidade de Algarve, Portugal) discutem aspectos estéticos e metodológicos nas interfaces entre dança, vídeo e espaço urbano na geração de videodanças, tendo como estudo de caso trabalho na cidade de Cataguases, Minas Gerais. Carolina Montebelo Barcelos (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), em *O teatro carioca no contexto do contemporâneo: hibridismos e procedimentos cênicos na "Trilogia do Amor", da companhia Os Dezequilibrados*, propõe o entendimento do trabalho criativo do grupo que estuda como um processo de hibridização das artes plásticas e do cinema. Em *Dança e coautoria em rede: processos de criação em grupo*, Lucas Valentim Rocha (Universidade Federal da Bahia) discute a atualização do termo autoria como coautorias em rede, quando no contexto de grupos, núcleos e coletivos colaborativos de artistas da Dança, sugerindo a diluição da imagem do autor como gênio criador e indicando o discurso como sendo tecido com outros discursos que o compõem. Em *O conceito de gênero musical no repertório e nas áreas de antropologia, comunicação, etnomusicologia e musicologia*, Marcio Guedes Correa (FIAM-FAAM Centro Universitário) faz considerações sobre funções e utilizações dos gêneros musicais articuladas por diferentes autores das áreas de antropologia, comunicação, etnomusicologia e musicologia, formulando um possível conceito de gênero musical. A seção *Artigos* oferece, assim, um rico panorama de temas ligados ao espectro das associações de pesquisa gestoras da revista *ARJ*.

Por fim, a revista mais uma vez agradece ao seu grupo de avaliadores e pesquisadores, que tem atendido às demandas dos editores com atenção e presteza.

Paulo Silveira
Editor-chefe